

# PLATAFORMA #MEMÓRIASCOVID19

**Palavras-Chave:** MEMÓRIA DIGITAL, TESTEMUNHO, PANDEMIA DA COVID-19

**Autores:**

JOÃO FELIPE RUFATTO FERREIRA - UNICAMP

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL (orientadora) - UNICAMP

## INTRODUÇÃO

*“É quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito”*

*Marc Bloch (2002, p. 61)*

A pandemia na Covid-19 instituiu uma experiência traumática a nível global. Fomos obrigados a reorganizar completamente nossas vidas em função do vírus. De um lado trabalhadores e estudantes do mundo todo precisaram se adequar ao novo regime de *teletrabalho*, do outro, milhões perderam seus empregos, ficando sujeitos a inúmeras outras vulnerabilidades além da própria doença que se alastrava. Neste ínterim assistimos à eclosão de inúmeras iniciativas voltadas para a preservação de memórias da Pandemia. Uma dessas iniciativas, o #MemóriasCovid19, é o foco desta pesquisa.

Lançado em maio de 2020 o #MemóriasCovid19 se configura como um *crowdsourcing*, isto é, um “arquivo criado a partir de colaborações voluntárias digitais” (MARINO, 2020, p. 6). O projeto se organiza em torno de uma plataforma web onde os indivíduos são convidados a submeter textos, fotografias, poemas, vídeos ou qualquer outro tipo de material produzido durante a pandemia da Covid-19. As submissões são, então,

encaminhadas para a análise de um dos 15 membros do comitê curatorial - composto por especialistas de 9 instituições de ensino e pesquisa no Brasil e no exterior. As submissões aprovadas pelo comitê são disponibilizadas automaticamente na página inicial do website, concluindo o que denominamos o *ciclo curatorial* da plataforma.

Diferentemente de outras iniciativas voltadas para a preservação de memórias da pandemia, o #MemóriasCovid19 não impõe qualquer tipo de restrição aos seus participantes, trata-se de um projeto de extensão universitária no qual todos os membros da sociedade são convidados a colaborar com qualquer tipo de testemunho. Esta ausência de restrições contribui para a constituição de um acervo abrangente e diversificado de “olhares” sobre a pandemia. Neste sentido, é marcante o interesse do projeto pelos traços de subjetividades e identidades que envolvem estes relatos, como podemos ler no texto abaixo, extraído de seu *website*: “A Plataforma #MemóriasCovid19 possibilita o cruzamento de itinerários significativos sob o ponto de vista da identidade e que transmitirão suas narrativas por meio de traços e imagens, unindo elementos vivenciados por grupos humanos de diversos espectros sociais” (MEMORIASCOVID19, 2021).

## METODOLOGIA

Em termos teóricos a metodologia aplicada é pautada em reflexões sobre História Oral e Audiovisual, ou seja: trajetórias de vida, memórias e testemunhos. Desde a *Shoah* a narrativa se configurou como o *locus* privilegiado do processo testemunhal, assumindo, segundo Seligmann-Silva, o “desafio de estabelecer uma ponte com *os outros*” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66) e reconstruir “um espaço simbólico de vida” (PIRALIAN, Helene, 2000, p. 21 apud SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69) diante dos abalos produzidos pela excepcionalidade da experiência traumática. O #MemóriasCovid19 visa, deste modo, a construção de um espaço de *narrativização* possível para diferentes vivências transcorridas ao longo da pandemia, contribuindo para o endereçamento da catástrofe a nível coletivo. Afinal, como nos lembra Bruner, a narração não é uma atividade que se dá apenas a nível individual:

Narrar a si mesmo, se é que posso repetir, é algo que acontece tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora. Quando as circunstâncias nos preparam para a mudança, nos apoiamos nas outras pessoas que passaram por ela, nos abrimos para novas direções e novos modos de enxergar a nós mesmos no mundo. (BRUNER, 2008., p. 94.)

Neste sentido, foram desenvolvidas ações voltadas para divulgação do projeto e difusão de seu acervo através das redes sociais, visando ampliar a circulação dos relatos recebidos na plataforma e na perspectiva de que os sujeitos encontrem nos testemunhos e percepções alheias os meios de dar sentido e narrar a sua própria experiência e decidam também contribuir com a iniciativa. Além disso, o acervo do #MemóriasCovid19 tem sido agrupado através de um processo de categorização contínuo das submissões, às quais são atribuídas uma ou mais das 5 categorias: #Temporalidades; #Espaços; #Intersubjetividades; #Inconformismos e #Reinvenções. Foi o próprio teor dos relatos que inspirou essa categorização, estabelecendo possíveis conexões, mas, igualmente, respeitando as singularidades dos relatos e a pluralidade característica da proposta de salvaguarda. Estas categorias darão origem a um livro sobre o projeto, e serão, igualmente, replicadas na plataforma. Por fim, é importante pontuar que no processo de submissão dos relatos os participantes devem informar dados (Gênero, Faixa Etária, Escolaridade, Ocupação e Local) que são utilizados na geração de relatórios periódicos que informam sobre a abrangência e diversidade do projeto.

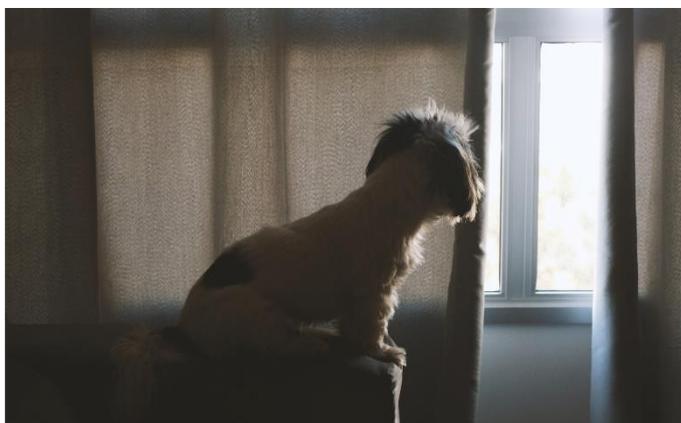


Figura 1 - Janelas ampliam, ou emolduram, um mundo incerto. Imagens que fazem parte da categoria #Espaços. Fontes: [https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod\\_post=119](https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=119) e [https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod\\_post=71](https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=71).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

*"Obrigada por se interessarem por minha memória, um dia vocês contam a nossa história, não a do fracasso, mas de como saímos dele."*

*Trecho de relato enviado por Laísa Fernanda Santos de Farias ao projeto.*

Dentre os resultados diretos desta pesquisa destacam-se: 1) publicação de um artigo, intitulado "Cápsula do Tempo Presente" na revista Comunicação & Memória; 2) redação de um artigo a ser publicado em um livro sobre as iniciativas de salvaguarda de memórias da pandemia no Brasil; 3) produção de 5 entrevistas em vídeo com participantes do #MemóriasCovid19, disponíveis nas redes sociais do projeto; 4) organização e diagramação de um livro a ser publicado sobre a iniciativa. Além disso, a atuação contínua na execução do projeto foi imprescindível para o bom funcionamento do mesmo que já conta com um acervo de 322 submissões, das quais mais de 214 foram aprovadas e estão disponíveis para consulta pública. Estas submissões são provenientes de todas as regiões do Brasil e, inclusive, de outros países, e destacam-se pela variedade de gênero (53% dos participantes se identificam como pertencentes ao gênero feminino e 46% ao gênero masculino), faixa etária (variam desde menores de 18 anos, o maior grupo, com 22% dos participantes, até maiores de 60, 4% das submissões) e escolaridade (59% dos participantes possui ensino superior, ao passo que 40 % não, sendo que metade destes não completou nem o ensino médio).

Outro ponto a ser destacado refere-se à diversidade de formatos empregados na produção dos relatos. De acordo com levantamento realizado em 12 de agosto de 2021, das 215 submissões aprovadas 138

incluíam imagens - entre fotografias e colagens digitais, ilustrações e *printscreens* -, enquanto 74 incluíam textos em prosa ou poemas. Estes números revelam a predominância da imagem sobre o texto na produção de testemunhos no contexto do projeto e talvez nos ajudem a refletir sobre a condição do testemunho numa sociedade dominada pela comunicação visual e pela intensa circulação de ícones. É evidente que não devemos negligenciar a estruturação narrativa como mecanismos para produção testemunhal e enfrentamento do trauma, afinal as imagens, elas mesmas, estão sempre sujeitas a diversas possibilidades de encadeamento. No entanto, é necessário que observemos esses relatos com um olhar renovado no que tange as questões que eles colocam enquanto ícones, sua efemeridade e velocidade de circulação próprias, mas também sua intensidade afetiva e sua condição de "olhar" diante do mundo, principalmente se considerarmos a proeminência da fotografia como suporte para as submissões – entre os 138 relatos com imagens



Figura 2- Série "Em Ponto", ponta de prata e têmpera sobre papel. Imagem que integra a categoria #Temporalidades.

Fonte: [https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod\\_post=183](https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=183)

analisados, 102 incluíam imagens totalmente fotográficas.

Por fim, o desenrolar do projeto impõem uma reflexão acerca da condição geral da memória na contemporaneidade. Régine Robin pontuava já em 2003 que vivemos um período histórico em que a memória “se produz em uma velocidade semelhante à da luz. Não se pode mais, por isso, distinguir um acontecimento de sua apreensão, nem mesmo essa apreensão da recepção universal” o que a leva a concluir que “o acontecimento, deste modo, não tem nem mesmo tempo para se converter em ‘passado’” (ROBIN, 2016, p. 401). No contexto do projeto #MemóriasCovid19 esta constatação vai ao encontro daquilo que temos denominado uma *memória em tempo real*, isto é, uma memória produzida *pari passu* com o próprio acontecimento que rememora. De certa forma memória e comunicação se encontram, novamente, no processo testemunhal, uma vez que esses relatos valem tanto pela sua capacidade de reconfigurar, no presente, nossas *percepções* sobre a pandemia, quanto são valiosos indícios que permitirão aos historiadores do futuro acessar, mesmo que em outro nível, traços destas *percepções* reconfiguradas.

## CONCLUSÕES

A pandemia da Covid-19 já dura mais de 19 meses - se considerarmos a primeira notificação feita à OMS sobre a doença, em 31 de dezembro de 2019 -, no entanto ainda é difícil vislumbrar todos os impactos da doença sobre a história da humanidade. Conhecemos os números aterradores de mortos e sequelados e imaginamos o longo período de luto que enfrentaremos enquanto

coletividade, temos consciência das condutas negacionistas, das ações individuais e políticas públicas que negligenciam a gravidade da situação, contudo, ainda é difícil conceber todas as suas consequências a longo prazo. Sabemos de uma coisa apenas: mesmo quando a doença for controlada, a pandemia não vai simplesmente desaparecer, ela continuará presente em nossa memória e será, inevitavelmente, um dos capítulos mais importantes da história recente.

Neste contexto o acervo construído pelo projeto #MemóriasCovid19, junto das coleções de projetos com objetivos similares, poderão se revelar não apenas riquíssimos bancos de dados para o trabalho de futuros historiadores, mas tem, também, a possibilidade de auxiliar nos processos de luto, superação da experiência pandêmica em maior ou menor escala. De acordo com Régine Robin “não há memória justa, nem reconciliação total com o passado. Há sempre ‘muito pouco’ e ‘muito’ em função das conjunturas e das versões afetando as grandes narrativas do passado” (ROBIN, 2016, p. 37). Não se trata, assim, de ensejar um esgotamento total da experiência pandêmica por um viés historiográfico, antes o acervo do projeto configura-se como um espaço de memórias possíveis para trabalhos de memória e história ainda a fazer.

Pode-se dizer que é ainda cedo demais para atuarmos sobre a história ou a memória da pandemia. No entanto, se não nos ocuparmos agora de garantir que os testemunhos do presente traumático sejam recolhidos e salvaguardados, como poderemos, no futuro, vislumbrar as experiências próprias a este tempo? Não se trata, apenas, de garantir um acesso factual àquilo que *realmente* aconteceu durante este período, antes, as ações do projeto #MemóriasCovid19 tem um outro objetivo.



Figura 3 - Solidão Compartilhada. Compartilhar seus medos, suas angústias e muitas vezes suas felicidades. A solidão permeia todos os cantos, seu quarto, sua casa, seu eu. Solidão Compartilhada é um experimento de busca pelos meus "eus". A imagem faz parte da categoria #Intersubjetividades. Fonte: [https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod\\_post=243](https://memoriascovid19.unicamp.br/unity-memorie?cod_post=243)

Trata-se de recolher os *olhares*, as *percepções* e as *histórias de vida* daqueles que enfrentaram cotidianamente as mais diversas facetas desta catástrofe. Trata-se de atentar-se às singularidades e idiossincrasias, mas também às semelhanças e às aproximações possíveis entre esses modos de estar e de perceber o mundo, pois como argumenta Joël Candau: "Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo" (CANDAU, 2019, p. 118). Desta feita, as possíveis aproximações e o acesso a essas experiências subjetivas são fundamentais para a construção, no futuro, de ações que visem a superação e enfrentamento do trauma na medida em que engendram uma reorientação sensível diante do acontecimento, ao mesmo tempo elas possibilitam certa reconfiguração de condutas em face de desafios semelhantes que venhamos a enfrentar enquanto coletividade. A pergunta "Como nos lembraremos da pandemia?" é constitutiva de outra questão ainda mais elementar: "Como superaremos a pandemia?"

## BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e voz, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

MARINO, Ian Kisil; NICODEMO, Thiago Lima; SILVEIRA, Pedro Telles da. Arquivo, Memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. **Revista Cadernos do Tempo Presente**, v. 11, n. 01, jan-jun 2020. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/14139>>. Acesso em: 01/jun/2021.

MEMORIASCOVID19. **Plataforma #MemóriasCovid19**, c2021. Página Sobre. Disponível em <<https://memoriascovid19.unicamp.br/about>>. Acesso em 20 ago. 2021.

ROBIN, Régine. **A Memória Saturada**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o Trauma - A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas**. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, vol.20, n.1, 2008.